



6 de setembro de 2024
Sexta-feira da XXII Semana do Tempo Comum
“Novas estradas em caminhos seguros”

Lc 5,33-39

Naquele tempo, os fariseus e os mestres da Lei disseram a Jesus: "Os discípulos de João, e também os discípulos dos fariseus, jejuam com frequência e fazem orações. Mas os teus discípulos comem e bebem". Jesus, porém, lhes disse: "Os convidados de um casamento podem fazer jejum enquanto o noivo está com eles? Mas dias virão em que o noivo será tirado do meio deles. Então, naqueles dias, eles jejuarão". Jesus contou-lhes ainda uma parábola: "Ninguém tira retalho de roupa nova para fazer remendo em roupa velha; senão vai rasgar a roupa nova, e o retalho novo não combinará com a roupa velha. Ninguém coloca vinho novo em odres velhos; porque, senão, o vinho novo arrebenta os odres velhos e se derrama; e os odres se perdem. Vinho novo deve ser colocado em odres novos. E ninguém, depois de beber vinho velho, deseja vinho novo; porque diz: o velho é melhor".

“Por meio de nossas privações voluntárias, Vós nos ensinais a reconhecer e ser gratos por vossos dons (...) e a compartilhar nossos bens com os necessitados, imitando vossa generosidade.” – exclama a Igreja em um dos belos prefácios da Quaresma.

O jejum é, sem dúvida, uma prática ascética altamente louvável e recomendável, que conduz ao desenvolvimento da vida espiritual. Infelizmente, ele está sendo negligenciado atualmente, assim como muitas outras práticas espirituais importantes. É claro que a oração também é de grande benefício e, de forma alguma, o Senhor está questionando essas práticas.

Jesus apenas indica que, com Sua vinda ao mundo, a plenitude dos tempos chegou. O jejum faz parte de nossa peregrinação na Terra, enquanto ainda estamos a caminho do Reino de Deus. No entanto, enquanto o próprio Senhor está neste mundo e anuncia o Reino dos Céus juntamente com Seus discípulos, é o próprio Noivo que está entre os homens. Eles não precisam mais esperar! Ele chegou! É hora do casamento!

Mas o Noivo não permanece para sempre na Terra. Ele retorna ao Pai, não para nos deixar abandonados, mas para preparar para nós as moradas da eternidade (cf. Jo 14,2).

O tempo da consumação e da alegria sem fim ainda não chegou; ainda estamos no tempo do sofrimento e da tentação; o tempo do combate. O Diabo ainda tem permissão para perturbar os homens. O Reino de Deus ainda não se concretizou na Terra e ainda temos que provar nossa fidelidade....

É por isso que ainda estamos no período de jejum, que nos lembra a Paixão de nosso

Senhor, nos fortalece para o combate espiritual, nos ensina a refrear nossos sentidos e abre nossos corações para os pobres.

Mas em Jesus a luz da eternidade já brilha sobre nós!

A obra de redenção exige novos caminhos. Os caminhos anteriores serviram como preparação até a vinda do Messias. A lei era como um professor até a vinda de Cristo (cf. Gl 3,24). Mas agora, com a vinda do Messias e a Redenção que Ele nos concedeu, o vinho novo chegou, o que também exige odres novos. O Evangelho deve alcançar todos os povos. Os odres não podem ser muito estreitos, para que não se rompam e o vinho se estrague. Por outro lado, também não podem ser porosos, mas devem ser estáveis e duráveis.

Foi confiada à Igreja a grande obra do Senhor. A fidelidade com que ela deve guardar o tesouro que recebeu anda de mãos dadas com a abertura para novas maneiras de proclamar o evangelho nesta época. No entanto, é errado acreditar que o evangelho deve ser adaptado ao mundo contemporâneo e à sua mentalidade. Não é o espírito do mundo que deve penetrar na Igreja, pois isso envenenaria o vinho. Em vez disso, é o Espírito Santo que deve permear o mundo. Essa é a grande transformação que deve ocorrer, se o Reino de Deus quiser se expandir!

Se a Igreja se adaptar ao mundo, o reino do mundo decaído proliferará na Igreja, ou seja, aqueles reinos que o Diabo prometeu a Jesus quando o tentou no deserto (cf. Mt 4,8-9). E se o espírito do mundo permeasse o pensamento da Igreja, então o perigo seria que a realidade não fosse mais contemplada e discernida à luz de Deus, mas que o ponto de partida fosse o mundo com seus critérios. Assim, a confusão aumentaria cada vez mais. Infelizmente, é preciso observar que a Igreja às vezes não aplica o espírito de discernimento suficientemente para distinguir a luz das trevas.